

**SEGREGAÇÃO E ESPACIALIDADE EM UM QUILOMBO DA REGIÃO METROPOLITANA DE
BELO HORIZONTE**

RICARDO CARVALHAES HENRIQUE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)
ricardochenrique@gmail.com

ELISÂNGELA DE JESUS FURTADO DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)
elisangelafurtado23@gmail.com

THAÍS ZIMOVSKI GARCIA DE OLIVEIRA
thais.zimovski@yahoo.com.br

SEGREGAÇÃO E ESPACIALIDADE EM UM QUILOMBO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, como em outros contextos há uma assimetria entre as classes sociais e isso é, particularmente, perceptível quando é observada a questão racial dentro das classes sociais. Isso se estende para os espaços ocupados dentro das cidades, que são ocupados desigualmente, e um deles, objeto desse estudo são os Quilombos inseridos dentro das grandes cidades e em conflito com o planejamento urbano governamental.

Durante a época das grandes navegações, demandou-se muito açúcar e muita mão de obra, ambos bem valorizados e escassos. A solução encontrada foi o tráfico de escravos africanos e esse acabou transformando o mercado, passando dos anteriores para açúcar e tráfico negreiro as atividades mais bem remuneradas (TEODORO, 2005). Os que transportavam um, transportavam o outro e mesmo em meio a tantos riscos e custos, os lucros compensavam bastante, fazendo assim a manutenção e a ampliação do tráfico de negros por motivações materiais, posto que era e também combustível para a geração de mais mercadorias nas colônias.

Então, os que em determinado momento não foram reescravizados, não tiveram a alforria suspensa, não foram mortos ou não foram expulsos, puderam ser tratados como “libertos”, puderam se aglomerar e dessa forma constituir um Quilombo (LEITE, 2000).

Focando nas consequências dessas medidas que se seguiram, vou ater-me apenas aos eventos que tangem a segregação e a espacialidade no meio urbano, se ocorrem, o quanto e como se manifestam dentro de Quilombos cercados pela urbanização. Como a maioria dos moradores desses Quilombos são compostos de negros, as questões raciais estão presentes com várias faces. Observando as questões apresentadas, questiono se existem, de qual forma se relacionam os problemas de segregação e de espacialidade em ambientes urbanos, como os quilombolas lidam com eles e por que eles ainda permanecem nos Quilombos, imersos na urbanização, depois de tantos anos?

Segundo Peres (2008), entende-se que boa parte desses conflitos nascem da necessidade da expansão do capital em direção àqueles territórios e como eles são debilitados politicamente e socialmente por motivos diversos, acabam os empreendimentos se sobressaindo. Acredita-se que os motivos que especificamente atingem esse grupo são a falta de identidade enquanto uma família, apesar dos ancestrais comuns, a fragilidade social e a ausência de uma representação política que os defenda em busca dos seus direitos também os debilitam, como apontam Filgueiras e Couto (2015). Segundo dados secundários (FILGUEIRAS; COUTO, 2015), eles são bastante desunidos, não possuem uma associação com representação política, são alvos constantes e fáceis da especulação imobiliária e outros intentos de desmonte ou ruptura do Quilombo, por serem muito isolados entre si e da sociedade (WROBLESKI, 2016).

O objetivo neste trabalho é discutir a segregação e a espacialidade em ambientes urbanos, tomando como referência comunidades quilombolas na cidade de Belo Horizonte. Mais

especificamente, quais são, como são tratados esses problemas, quais são as suas origens e como se mantêm esses problemas com o passar do tempo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A abolição da escravatura ocorrida no Brasil foi desacompanhada de políticas de inserção social dos escravos recém-libertos (SILVA, 2011), políticas de dignificação laboral que os inserissem de alguma forma nos mercados locais ou mesmo que os garantisse alguma condição de subsistência fora de condições subumanas que viviam enquanto estavam escravizados. Muitos dos escravos livres não conseguiram estabelecerem-se por conta própria e desejaram continuar trabalhando nas fazendas dos senhores de engenho, podendo residir nas condições mais precárias em territórios ermos, afastados e sem proprietários. Esses agrupamentos foram chamados de Quilombos.

Os Quilombos são tomados pelo Decreto 4887 (BRASIL, 2003) como frutos de políticas de ações afirmativas como contrapartida de uma história de exploração inumana, os escravos eram objetos de fato, sendo inventariados, patrimoniados e até mesmo herdados. Essas iniciativas, manifestadas de formas variadas, vêm como um paliativo emergencial de empoderamento negro, como formas de proteção e elevação de chances de dignificação humana.

2.1 Segregação

Inicialmente faz-se necessária a distinção entre preconceito, racismo, discriminação e segregação, com ênfase nesse último. Preconceito é uma postura de se utilizar de juízo antes de possuir o conhecimento ou experiência sobre; Racismo é um tipo de preconceito que já tentou possuir embasamento científico, que prega que os humanos são distintos por raças evoluídas biologicamente e, assim, umas superiores às outras; Discriminação é o ato ou efeito de separar conscientemente, uma marcação; e Segregação é ao mesmo tempo o forte e o mais discreto de todos, pois ela promove o além da separação, resulta em isolamento, sem necessariamente estar visível (SANTOS; FERREIRA, 2012).

Santos e Ferreira (2012, p. 2) conceituam segregação e segregação racial da seguinte forma:

O termo segregação é o ato de isolar, separar, baseado na ideia de desigualdade entre as partes. Assim, a segregação pode ser racial, geográfica, urbana entre outras formas, separando pessoas, coisas e objetos que se entendem em superioridade de riqueza, educação, religiosidade e até mesmo nacionalidade. Quando a segregação é racial as pessoas são impedidas de usufruir de direitos universais e leis são criadas para consolidar a separação.

Os estudos de segregação são constantemente reformados por possuírem pobreza na explanação e comparação de aspectos múltiplos, mantendo-se apenas dicotômicos (VILLAÇA, 2011). Então os principais aspectos da segregação deverão compor todos os lados possíveis, os segregados, os segregadores, as demais forças envolvidas presentes, governo, associações e outras pessoas.

Vasconcellos (1996) articula que as cidades grandes puderam ser desenvolvidas à medida que as desigualdades cresciam e as pessoas de menor poder aquisitivo foram repelidas para as periferias. As primeiras causas foram os elevados custos de permanência nas áreas centrais através da valorização e desvalorização das áreas periféricas, que eleva os custos materiais e os custos de vida com deslocamento. Então o distanciamento gera a segregação socioeconômica e urbana, pois ela distancia fisicamente, materialmente, espacialmente, ideologicamente, mentalmente e financeiramente, deixando assim de pertencerem às regiões mais centrais.

Assim, a segregação, de todas as formas possíveis, ela se manifesta de maneira abrangente no formato espacial, posto que ela atinge um maior número de atributos sociológicos ao mesmo tempo com o que seria um simples distanciamento, passa a ser um isolamento. As pessoas morando afastadas do centro deixam de participar dos principais eventos e momentos que a cidade oferta, mesmo que trabalhem por lá ou passem bastante tempo por lá. Morar no centro é um privilégio laboral, acadêmico, sanitário e outros (VASCONCELLOS, 1996). Esses e outros pontos tangem a ideia de espacialidade.

2.2 Espacialidade

Espacialidade possui semelhanças com conceitos diversos tais como espaço, lugar, território, paisagem e espacialidade. O espaço é o mais simples e plano deles, refere-se a qualquer área ou volume físico que possa ser percebido e delimitado no planeta. Ao lugar é atribuído o conceito de identidade, um fator de pertencimento que pode ferir as barreiras espaciais. Território é aquela porção compreendida dentro do espaço que reserva a ideia posse à um ente. A paisagem é o espaço compreendido dentro de um olhar teórico ou prático, podendo ser representada por tipos ou por um panorama (PALMA-OLIVEIRA; HERNÁNDEZ, 2011)(SANTOS, 2012). Enquanto que espacialidade, nas palavras de Chamond, (2011, p. 5):

A imagem da queda expressa uma possibilidade concreta da espacialidade vivida, do corpo habitando o espaço: ela é uma estrutura antropológica do mundo, uma forma de habitá-lo, aquela da perda do apoio e da harmonia, da ruptura em uma corporeidade tranquila. Mas além do corpo que cai realmente, a imagem da queda traduz a essência mesma da perda do escoramento e do vivido de terror que lhe é consubstancial. A queda descreve uma possibilidade fundamental de ser no mundo: a perda do equilíbrio, o colapso, o terror.

Espacialidade é um conceito bastante abstrato e complexo, ao passo que pode ser bem simples após sua percepção no cotidiano, em uma cultura (COLARES; SARAIVA, 2016). O primeiro passo é a explanação da distância entre os conceitos de espaço e espacialidade. O espaço, dentro de uma perspectiva, ela é geográfica, geométrica e até mesmo cartesiana, ou seja, é um espaço real indiscutível – todo o planeta. Então a relação entre os entes que habitam esse planeta, a proximidade desses entes com outros entes, a tangibilidade que esses entes poderão ter com outros entes definem a sua espacialidade (OLIVEIRA, 2008).

Outro ponto de comparação é que esse espaço não poderá ser medido com unidades de medida, instrumentos de medição, estando aptos a isso apenas aqueles que são capazes de serem e se perceberem como seres. Esses entes são os *Dasein* de Heidegger (HEIDEGGER; CAVALCANTE, 1998)(LEITE, 2013), indivíduos que podem *ser/estar e lá/ali* (tradução livre do alemão), que tem capacidade cognitiva de senciência para se perceber em um lugar

que transcende a ideia de espaço físico restrito em si. Ideias simples como as de estar em algum lugar como o lar, como o trabalho, como uma festa, como um ritual e outros, podem parecer simples, mas essas metonímias são possíveis apenas à seres racionais que extrapolem a ideia de espaço físico para o espaço vivo ou vívido (OLIVEIRA, 2008). Essa é a ideia de espacialidade.

O ente *Dasein* não existe apenas por si, como o *res cogita* de Descartes, ele existe enquanto ser no mundo (HEIDEGGER; CAVALCANTE, 1998)(LEITE, 2013). Então as ideias de espaço e espacialidade entram em conflito quando tangem o que pode ser distância, distanciamento, próximo e proximidade. Quando se depara com a possibilidade de um espaço teórico, metafórico e psicológico, o que está próximo pode estar distanciado e o que está distante pode estar dentro de uma proximidade. Então dentro do universo de possibilidades que é a espacialidade, o próximo e o distante passam a serem tratado como sinônimos (SANTOS, 2012).

Ao observarmos que a ideia de localização de si por uma é individual, atemporal e inespacial, então essa possibilidade é o reflexo de toda uma cadeia de concatenações que podem levar o ente à sua espacialidade naquele determinado momento (SANTOS, 2012). Dada a fluidez de tamanha significância, a espacialidade pode ser tomada como uma compreensão dela e tal compreensão depende da linguagem empregada entre esses entes. Dessa forma, a espacialidade também depende do discurso, assim como o discurso pode gerar uma espacialidade no ente (OLIVEIRA, 2008).

Então como o espaço pode ser transformado para espacialidade e que isso depende do frequentador, do observador, no caso, do ente em si, pode um lugar possuir ilimitadas possibilidades de ser (OLIVEIRA, 2008). Um indivíduo pode compreender aquele espaço segundo o tempo, espaço e a sociedade em que se encontra, contudo a concepção daquela espacialidade dependerá unicamente de suas capacidades e de sua apropriação (COLARES, 2016). Então, incorrerá em uma resignificação daquele espaço, que poderá ser compartilhada, tornando-se um novo espaço coletivo, uma nova identidade ou espacialidade para mais de um. Nesses termos, uma comunidade pode ter noção de tempo, espaço e identidade bastante distintas de outras a poucos metros de outras comunidades, isso significa que Quilombos no meio de cidades podem ser segregados espacialmente, socialmente, culturalmente, politicamente e monetariamente. Claro, muito desse problema pode ser inferido pelo o que é um Quilombo.

2.3 Quilombos

As origens dos Quilombos são múltiplas, sendo uma das mais antigas a do Conselho Ultramarino Portugal afirmando que um Quilombo é “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”, conhecida como definição clássica (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002). Esta começou a ser rompida em meados da década de 70, quando autores como Carneiro (1958) e Ramos (1953) atribuindo características de resistência e isolamento dos povos negros como a abominação do sistema escravista, mas mantendo a ideia que os Quilombos são temas do passado, como figuras históricas.

Schmitt; Turatti e Carvalho (2002) postulam que os Quilombos possuíam cinco elementos essenciais para sua definição, que são o elemento de fuga; uma comunidade com esses fugitivos; isolamento ou inacessibilidade; moradia que são tratadas como ranchos; e modos de produção e de consumo. Mattoso (1982, p. 158) compila todos esses pontos e acrescenta o fato de o Quilombo ser uma consequência do sistema escravagista, única forma visível de prover alguma liberdade religiosa e alguma semelhança com a vida que se encontravam antes do aprisionamento. Importante ressaltar que o sistema escravocrata prometia lar, mesa farta, trabalhos amenos e penalizações moderadas, que contrapunham a realidade violenta e injusta no Brasil colônia. Para tanto, Kátia Mattoso articula que os sistemas produtivos e consumidores dos Quilombos nunca estiveram alheios à economia colonial, apenas encontravam-se distantes sociologicamente, historicamente e culturalmente.

Ao aprofundar nesses conceitos, percebe-se a proximidade entre as ideias do que são Quilombos, periferia e favela, já que a maioria são negros, pobres, segregados e marginalizados (VITALINO, 2012). Uma das diferenças são as disputas territoriais, pois a periferia e favela é onde a cidade quer que eles estejam, enquanto os Quilombos, na atualidade, são os territórios de onde se quer que eles saiam, frequentemente ameaçados por formatos diversos de violência (WROBLESKI, 2016), violando cláusulas pétreas da Constituição Federal que garante o acesso à terra e moradia. Aprofundando melhor Cláudia Vitalino (2012)¹, articula que:

A diferença entre o Quilombo e a favela, é que o Quilombo servia de abrigo ao não aprisionamento dos negros livres e fugitivos. Já as favelas, ao longo do Século XX, se tornaram a resistência de permanência nos locais escolhidos para moradia. Tanto o Quilombo quanto a favela passaram a ser defendidos como territórios que se funda numa relação de força. O poder da elite que deseja escravizar e a resistência dos negros que reivindicam seus direitos à vida e à propriedade.

Ao que tange os reconhecimentos governamentais dos Quilombos, Martins (2007) conceitua sobre ações afirmativas para negros, diz que as ações afirmativas são uma frente dinâmica sobre a estática postura de discriminação, ela deve promover, recrutar e aumentar a participação de minorias, negros principalmente de acordo com o autor, em ambientes até então segregados, possuam essas políticas metas, métricas e números, ou não. Afirma também que estas políticas têm cunho retroativo histórico e social, como uma compensação atrasada e orientada à um futuro menos desequilibrado e mais equânime entre brancos e negros.

3 SEGREGAÇÃO E ESPACIALIDADE NO QUILOMBO URBANO PESQUISADO

Um grupo tão complexo merecia uma atenção maior governamental e acadêmica, por serem uma das maiores personagens da história nacional, mas acaba sendo excluído e deixado à margem na sociedade. Contudo não podem ser ignoradas as vicissitudes desses povos, pois eles fazem parte de uma sociedade tão complexa como a brasileira. Os problemas como marginalização, exclusão, racismo e outras mazelas sociais estão presentes em todo o país, manifestados em diferentes formas, maiores ou menores concentrações dependendo da localização e situação, todavia os Quilombos possuem atributos ainda bem característicos e próprios, em uma configuração única. Então o debate em cima dos entes quilombolas dentro

¹ Negros são maioria nas favelas... Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/183804-1>>.

de um espaço urbano e uma espacialidade, que não é muito urbana, serão evidenciadas junto com as questões de espacialidade e segregação.

3.1 Metodologia

A fonte de dados foram pesquisas qualitativas e exploratórias, com coleta de dados por meio de entrevistas com roteiros semiestruturados. As perguntas norteadoras foram divididas em cinco blocos de questões. As perguntas são tangentes à vida, histórias pessoais, cultura e trajetória familiar das entrevistadas; outro bloco sobre o Quilombo, sua história e sua cultura; passando para como é ser quilombola; depois sobre a vida no Quilombo; e por último sobre a posse do Quilombo.

Os nomes, características e outros dados que poderiam porventura identificar localidades e pessoas com precisão serão trocados por nomes de iniciais diferentes e em ordem de aparecimento, sem que as iniciais se repitam. Por exemplo, Dona Ana, senhor Bernardo, bairro Cachoeiras etc. Esse intento visa preservar a identidade das pessoas entrevistadas e das pessoas próximas a ela e evitar eventuais problemas e possibilidades de conflitos. O Quilombo será tratado apenas como Quilombo Esperança e as entrevistadas serão chamadas de Simone e Tássia.

As Entrevistadas são todas mulheres, idosas, mais de 75 anos, não possuem marido ou companheiro, possuem filhos e são de famílias bem grandes, uma já teve mais de dez irmãos, alguns já falecidos. Atualmente são aposentadas, são referências em liderança quilombola, são as que mais sabem e entendem das lutas que eles tiveram que enfrentar, são bastante politizadas, cientes dos seus direitos, cuidam de descendentes, moram com membros da família dentro da mesma casa e com alguns dentro do seu terreno, o que seria equivalente à outras moradias dentro de um mesmo lote. Nascidas ali de parteira e ali mesmo pretendem passar os seus últimos dias. Tempo médio das entrevistas foram de 5 horas.

As entrevistas foram agendadas para maio de 2017, por telefone, com as próprias Entrevistadas, a serem realizadas em suas respectivas casas. A equipe de pesquisadores eram dois no total, chegaram dez minutos antes do combinado, Simone não estava, fomos recebidos pela irmã dela, fomos convidados a assentar-nos, conversamos um pouco sobre o cotidiano quilombola, mas a Simone não tardou a chegar. Recolhemos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada uma das entrevistas e assim como Termo de Cessão de Uso de Imagens para os registros audiovisuais.

Fomos interrompidos por familiares diversas vezes, por motivos corriqueiros diversos como perguntas sobre o que ela iria fazer mais tarde ou se tinha notícias do que se passava com outra pessoa naquele momento. Uma interrupção mais longa foi por conta de uma sobrinha fazendo destaques sobre os assuntos narrados, muitas das coisas ela não concordava, interpelava para que a interpretação dos fatos fosse diferentes, outras ela entendia que deveria ter uma movimento diferente em determinado aspecto, demonstrando que podem ser muito pesados dentro da própria casa os conflitos sociais quilombolas, sejam eles territoriais, políticos, desaglutinadores, de autoridade etc. Fizemos uma pausa para o lanche que nos foi servido gentilmente pela irmã da Simone. Montamos os equipamentos de áudio e vídeo, e iniciamos a entrevista.

Simone não reside mais na área demarcada pelo INCRA como sendo pertencente ao Quilombo Esperança, mas que pertencia ao Quilombo original de vasta extensão, que atravessa regionais, cruza bairros a fio, mesmo atualmente estando a vários quarteirões de distância do local que está em processo de tombamento, aprovado pelos órgãos governamentais e dentro da lei. Mesmo com essa distância de quinhentos metros do Quilombo Esperança, aproximadamente, o ambiente se assemelha bastante com a área quilombola, com arquitetura e mobília rústicas, área bastante verde, incluindo uma árvore centenária preservada e de tal forma às construções serem edificadas em torno dela sem que fosse necessário cortá-la ou retalhá-la.

Enquanto aguardávamos, observamos o ambiente. A arquitetura tem pelo menos meio século, bastante adaptada para a atualidade através de reformas, mas aparência característica de meados do Século XX. Algumas características são os tamanhos dos cômodos grandes, os móveis bem rústicos e de madeira maciça, paredes estruturais bastante espessas, é possível perceber paredes mais finas de cômodos adicionados posteriormente, inclui-se uma laje que foi uma adição recente, assim como algumas vigas de sustentação, algumas tomadas e alguns outros detalhes.

A segunda entrevista foi marcada para o mesmo horário, na casa da Tássia, havendo um chamativo enorme para as peculiaridades da casa, ela é pequena em área total, mas bem espaçosa em área construída, possuindo vários corredores, mobília rústica, várias fotos, amuletos, artefatos e muitos objetos que trazem identidade a aquele lar. Logo nos primeiros minutos da entrevista, fomos interrompidos por pessoas que batiam à porta e eram alunos de uma faculdade particular próxima, buscavam dados para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o curso de bacharelado em Arquitetura.

Era visível a insatisfação da Tássia em atender aquele tipo de aluno, pois dizia que estava acostumada a atender aquele tipo de pessoa com bastante frequência e queixou-se bastante da falta de retorno e do descaso que a Academia costuma cometer de maneira recorrente. Ressalto que foram observados os parâmetros éticos de contrapartida e apoio a esse pessoal, dentro das competências e habilidades dos pesquisadores.

Todas as entrevistas foram transcritas, analisadas tecnicamente e dividida em seções para facilitar a explanação e a exposição da análise. As entrevistas serão submetidas ao crivo da análise de conteúdo pelo motivo de esta ser uma análise rápida e objetiva para organização dos temas narrados nas entrevistas, assim os dados coletados são agrupados conforme afinidade dentro das temáticas abordadas, concentrados em relevância. Conforme julgou-se relevante, os dados foram agrupados nas seguintes categorias: história, ética social, legitimidade e legalidade, racismo, especulação imobiliária, identidade, aglutinação e matriarcalismo. A “análise de conteúdo é considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema” para a autora Vergara (2003, p.15) que direciona as temáticas a serem analisadas no estudo e para a sua correta classificação, segundo Bardin (1977, p. 42):

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimento às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

3.2 Análise de dados

Esta análise de dados será subdividida em tópicos para melhor clareza dos principais pontos de destaque a que esses dados remetem. Para tal, foram agrupados nas categorias de história, identidade, matriarcalismo, aglutinação social, legitimidade e legalidade, racismo e especulação imobiliária.

3.2.1 História

A história do Quilombo Esperança, segundo as entrevistadas, nasce com a busca do ouro por bandeirantes no Século XVIII, pois duas famílias vieram para cá trazendo seus escravos forçosamente, mas com o advento da Lei Áurea, as famílias dividiram e ocuparam um pedaço do que é a região metropolitana de Belo Horizonte, atualmente. Extrapola o município de mais de uma cidade, e decorrente de algumas terras recebidas, as famílias escravas se agruparam como forma de resistência, preservação, sobrevivência e fundaram um Quilombo.

Os meios de vida do Quilombo Esperança eram essencialmente a agricultura de subsistência, a organização ficava por conta das mulheres, preferencialmente as mais maduras. Contudo, com a transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para o Curral Del Rey, iniciou-se uma expansão urbana, com diversas construções de vias, edificações e infraestrutura de grandes cidades, começaram os conflitos fundiários e imobiliários com o Quilombo Esperança. Então o que era uma condição de agricultura familiar de ex-escravos, familiares de ex-escravos muito pobres, com passou a ser uma questão de conflito entre o a subsistência e o capital (PERES, 2008). Então nas palavras da Tássia “não foi a Quilombo que foi até a cidade, mas a cidade que veio até o Quilombo, por que nós chegamos antes dela, nós estávamos aqui muito antes”, negando a hipótese que os quilombos seriam um problema para a cidade e sim o contrário.

A Simone possui documentos que as terras pertenciam às famílias que ali viviam muito antes de a decisão da transferência da capital. A área herdada era imensa, ocupava a área atual de vários bairros, atravessava a área atual de três regionais da cidade e atravessando as fronteiras da cidade de Belo Horizonte, inclusive. Mas essas áreas foram violentamente tomadas, ocupadas, invadidas e outros. Isso significa que esses fatos se sucederam com muita resistência e luta, que as derrotas de deram por uma sequência de perdas judiciais, políticas e até mesmo físicas. Pessoas foram ameaçadas e mortas a mando de especuladores imobiliários.

Então o descaso, a fragilidade e a peculiaridade do Quilombo Esperança sempre foram cercados de discriminações, preconceitos, exclusão e segregação em todos os aspectos. Nas palavras da Tássia “o povo aqui do bairro é tudo preconceituoso...”, cita ainda que em uma conversa com moradores próximos, uma pessoa disse “o Bairro Angola (nome fictício) é um bairro muito legal, o que atrapalha o Bairro Angola é essa negrada que tem aqui”, em referência racista, discriminadora e preconceituosa aos quilombolas ali residentes.

3.2.2 Identidade

O fenômeno da espacialidade pode ser observado como uma noção de pertencimento prejudicada, posto que eles têm uma imagem que todos são mais pobres, com moradias mais simples. Então um destaque de seu irmão, um quilombola, com imóveis maiores dentro do

Quilombo Esperança gera uma estranheza dela e nossa quanto a constituição do referido patrimônio, mas quando confrontada, apega-se ao aspecto legalista para a negatória:

Pois é, ele tem a casa... e ainda lá ele tem papai e cinco casas de aluguel dele, do papai. Porque são cinco lotes grandes lá no Quilombo. E não contribui com o imposto nem nada (...) eu vou tirar ele... eu já escrevi a denúncia e vou levar no Ministério Público (...). Então, mas a casa... tanto que eu falei: cadê a... a... é inalienável, não pode vender, num pode coisa...

A Simone revelou sentir orgulho de ser quilombola, mas imediatamente contrapõe esse fator com a conhecida ideia de afro conveniência, que seria buscar as vantagens sociais de ações afirmativas que são voltados para os quilombolas, mesmo o ser quilombola sendo algo tão valioso imaterialmente, enquanto para outros é importante de forma material. Eis a resposta quando questionada sobre o que significa para ela fazer parte desta comunidade:

Ai, eu tenho o maior orgulho! Ao invés de eu ter vergonha, porque hoje em dia todo mundo quer ser quilombola (...). Então, eu acho isso. Eu tenho orgulho de ser quilombola, tenho orgulho ser de ex-escravas (descendente), porque o Brasil deve muito à nossa comida, isso é o Brasil inteiro, isso cê vê, essas casas antigas desses maiores aí, toda essas coisas dos africanos, então eu não tenho vergonha nenhuma e digo 'eu sou quilombola!

3.2.3 Matriarcalismo

O matriarcalismo é uma das estruturas que permeiam muitos quilombos principalmente nesse. Quando se fala sobre as histórias de vida, árvore genealógica e referências de vida, sempre são mencionadas as mulheres mais interessantes e maduras. Elas quem possuem as melhores histórias, os melhores ditos populares, as melhores receitas, os melhores ensinamentos etc. Fato esse que chamou a atenção durante a entrevista que a maior parte dos familiares possuíam nomes repetidos dessas senhoras, aqui está a resposta que foi dada ao se questionar se é comum a homenagem às matriarcas através do nome.

É. Todos, tanto quilombola, quanto indígena, pegam os nomes dos... das matriarca. O... os indígenas, pega o nome do pajé hoje né?! Os índios de hoje (risos), eu acho engraçado, eles pega o nome do pajé, do homem. Antigamente era da mãe, então pegava... é... a minha família, por exemplo, tem lá no Bairro Querência, tem os parente da mamãe, tem os primos lá... tem a minha prima Nome Raquel e todos Nome Raquel.

Importante dizer que explicitando que a matriarca possui o Nome Raquel, assim como todas as mulheres da família possuem esse Nome Raquel em seu nome de alguma forma, seja no primeiro, no segundo ou no último nome.

3.2.4 Aglutinação social

A noção de união pode ser tradicionalmente percebida por meio de laços de sangue e fenótipo, no caso uma pessoa da família faz com que sua identidade seja quilombola, mas que

seja imbuída de traços, qualidades e atributos que automaticamente definiriam essas pessoas. Está presente aqui a ideia de espacialidade partilhada com seus semelhantes:

(Sobre se orgulhar em dizer ser quilombola) Muita gente ri, mas eu jamais deixarei de falar isso, porque eu sou ex-escrava sim, meus avós foram e eu tenho é... assim, sabe, e... todo negro é afrodescendente; nem todos são quilombolas, porque quilombola é união de família.

(...) lá nos Quilombo Nilópolis (parte original do Quilombo que fica em outro extremo, até mesmo atravessando a fronteira do município de Orlandia), a maioria, a família Sobrenome Patos que não mistura também, a da vovó também não misturava, mas depois também foi morrendo e... hoje mistura Quilombo com Quilombo, é... branco... cê vê a neta dele ali, parece até albina, é loirinha, loirinha... porque ele casou com mulher branca não-quilombola, mas hoje ela é quilombola (risos).

Um outro ponto interessante é a questão da espacialidade temporal, a ideia de essas pessoas se urbanizarem, permitirem que a modernidade seja incorporada, que os costumes sejam alterados, são tratados como uma terrível violência ao Quilombo. Não há uma compreensão que os costumes são vivos, passíveis de efeitos temporais e transformações pela simples troca de geração. Para a Tássia, um verdadeiro Quilombo é aquele que parou no tempo e conserva todos os seus hábitos e costumes:

É um lugar onde que, por exemplo, é... eu vou dizer aqui pra você, que ali não é totalmente um Quilombo, porque o Quilombo, assim, aqui é um Quilombo, que é em Cidade Orlando. Quando casa um aqui do Quilombo, como o Quilombo é grande, o... o pai fala assim 'ó, eu te dou aquele pedaço de terra lá'. Ali vira um "Mocambo" (...) Então, é Quilombo, é onde tá o quilombola, o primeiro patriarca com todos os seus filhos, netos; e quando casa, ele saiu dele e deu um pedaço de terra longe, ali ele funda o "Mocambo" dele, com a família dele e tudo. Todo mundo ali é consanguíneo ali, todo mundo.

3.2.5 Legitimidade e legalidade

A segregação se manifesta de formas diversas nos Quilombos, uma delas, a segregação material ou financeira pode ser vista como elemento de troca, no caso, como empresas são mais capitalizadas que os quilombolas, estas percebem oportunidades de compensação mais baratas. Uma delas é a compensação de impostos por ágio de precatórios judiciais, isto é, empresas devem impostos, invadem territórios quilombolas, estes fazem cessões de títulos de precatório com o governo e pedaço de terra, para empresas pagarem em dinheiro para contrapartida. No caso, invade-se, indeniza-se, isenta-se de impostos por valores totais bem inferiores. Percebe-se a pressão do capital (PERES, 2008) por meio da especulação imobiliária fortemente expansiva, como forma adicional de segregação como podem ser percebidos nos trechos abaixo transcritos pela Simone:

Nós compramos doze sacos de cimento e dois mil tijolos pra ele fazer a casa dele, lá, no Quilombo. Esse Alberto tomou tudo, botou num caminhão e sumiu, chamou na rádio patrulha. Aí, eles vieram os guarda, sabe, e ele veio com um tal de... de... um grande lá da Polícia Militar, porque Alberto (indicou ser uma figura politicamente influente) (...). Aí ele veio aqui comigo de rádio patrulha, peguei minha pasta e nós fomos pra delegacia. (...). Ele (o delegado) falou assim: A senhora pode guardar... ele falou assim: o terreno é delas. O terreno é dela... ela é herdeira desse terreno (...): Eu conheço esse cartório (que emitiu os documentos), eu trabalhei nesse cartório e

não é aqui nada forjado, não tem nada de mentira. Os documentos dela é legítimo. Então sabe o que que ele falou com o delegado? ‘É negro a favor de negro’

A segregação social também perpassa pela segregação legal, pela segregação financeira que leva a segregação moral. Um dos terrenos que um determinado invasor desejou negociar em troca de títulos de precatórios, foi negociado com um banco, esse banco perdeu uma luta judicial e até hoje tem seus cadastros negativados, que ferem a legislação vigente. O banco apossou-se da terra, da moral e até do “nome”, conforme pode ser notado no trecho a seguir:

O Banco Benjamin, tomou esse quintal do meu pai, é... porque aqui, todos esses advogados de renome, mora aqui no Bairro Angola. Então, é... um médico aqui, que até de... ele é até filho de Advogado Carlos, um dos mais... maiores advogados aqui de Belo Horizonte, Invasor Daniel, o filho dele... tinha... tem um posto lá na Avenida Extensa (avenida de grande porte e que atravessa bairros de classe alta), e devia... 40..eu acho que na época era R\$40.000,00 ao Banco Benjamin. Então ele tomou o nosso... o terreno que ele, era do meu pai, o lote que era do meu pai, e deu pro Banco Benjamin... quando eu tô bem coisa, a minha cunhada do meu irmão que mora lá, ‘olha, tão derrubando o muro do vô ali, isso, aquilo, isso aquilo’... chego lá, não. A gente tem escritura, a gente tem registro e tudo... e tem guia de imposto, e mais, a gente tem dois é... formal de partilha, que era o meu... meus avós passando pros filhos, e nós... e meus pais passando pra nós. Então, isso aqui tem origem e tem tudo! Isso aqui antigamente, tudo, tudo, tudo né... era coisa. Então, eu tive que lutar contra o Banco Benjamin. Hoje eu vou até olhar é... eu vou lá porque... eu não posso comprar nada, porque eu sou ré... lutei contra o Banco Benjamin. Porque eles falaram que até contra o Banco Benjamin cê já... num é, porque aqui a corda arrebenta pro lado mais fraco. Lutei contra a Construtora Falcão, era ré da Construtora Falcão, mas tirei a Construtora Falcão. Fiquei com o nome sujo. Não posso comprar nada a prestação porque eu sou ré contra o Banco Benjamin. E olha pra você vê, o Banco Benjamin é o meu banco!

3.2.6 Racismo

A segregação racial se faz presente em muitos momentos, manifesta-se nas sutilezas e é notória também a falta de sensação de pertencimento desses povos no ambiente urbano. As pessoas na região as rejeitam muito por serem diferentes temporalmente e espacialmente, por possuírem uma cultura diferente e pelo *Dasein* local funcionar em uma velocidade, em uma noção de tempo diferente, como se eles fossem atrasados:

A filha do Vizinho Gustavo falou assim: essa coisa, porque eu ando de chinelo, e eu gosto muito de turbante... então quando eu fui pra lá, eu fui toda correndo de chinelo e coisa... “essa coisa aqui, é todo de terreno aqui, ali... num serve nem pra morar na favela”. Ah, menina, aí eu pus lá uma denúncia contra ela... Advogado Heitor né, que Dr. Advogado Heitor que era advogado daqui também, nosso, que ele que fundou o SOS Racismo. Então é... esse Vizinho Igor falou assim que lugar de negro é na favela. Só que a lei do racismo, até hoje ninguém foi preso, ninguém.

Nesse trecho há uma associação direta do tom da pele com a desqualificação daqueles habitantes do local, por serem inferiores, mostrando a sensibilidade de uma quilombola que chorou de tristeza diante de tanto racismo, enquanto a Simone manteve-se firme.

(Logo após ouvir que o problema no bairro era a “negrada” dali) A quilombola Kelly abriu o “buê” a chorar e eu falei assim... aí quando foi na reunião, tavam todos lá, eu disse isso ... disse pro... foi o desembargador, foi os meninos que fizeram

RPD, foi aquele homem que é do... do advogado, eu falei com eles: oh, eles vivem falando que o Bairro Angola é muito legal mesmo pra classe alta, e o que atrapalha é a negrada aqui. Agora, cês tem que nos engolir, porque, toda negrada que cê vê passando nessa rua aqui, é... são nossos parentes, porque nós, somos donos da terra!

Um outro ponto importante é ela repetir que as políticas de ações afirmativas para questão racial não são um aspecto positivo para a população negra, ela entende como um avanço tímido, tanto que não se mostra a favor delas:

(...) cê vê até nas faculdades hoje, porque a lei é assim, você... .se você chegar na faculdade, é... e falar, por causa das cotas, eu acho que as cotas... eu num... eu sou contra as cotas, mas num... entre aspas. Num deixa de ser um avanço, porque se não tivesse as cotas, o negro jamais teria na faculdade. Mas você pode ver, a lei de cotas, cê chega lá tem a menina lá... a menina, o menino, estudando de graça, cê... olhos verdes, olhinho... pele branquinha, porque a lei é assim... você não precisa é... provar que é quilombola. Pra você estudar de graça, as cotas, você estuda... você... a única coisa que você precisa desde a inscrição sua na faculdade, você tem que se identificar quilombola. Mas, você pode ser do olho azul, loirinha, branquinha, branquinha, que você estuda de graça. Então, num é pra Quilombo.

Outra manifestação de racismo menos evidente, foi presenciar indiferença presente com a pouca idade dos estudantes que interromperam a entrevista e o descaso ético para com o seu objeto de estudo, pois, nas palavras da Tássia “isso aí é todo dia, o tempo todo. Eles vêm aí, quer fazer trabalho, faz as entrevista, ganha os prêmio deles pra lá, some pra lá e nem volta aqui pra dar uma satisfação. Não traz nenhuma ajuda!”. E pudemos perceber isso também através da palavra da estudante, pois quando indagamos qual seria a contrapartida, foi-nos respondido que como aquilo era apenas um TCC, “quem viesse depois” que pensasse em algo construtivo para o Quilombo.

3.2.7 Especulação imobiliária

O próximo trecho denota a possibilidade de ganho de algum dinheiro que a demarcação do terreno proporcionaria à Simone, pois uma construtora invadiu um terreno, construiu um prédio, mas devia muitos impostos. Então fez uma troca, muito vantajosa, de o valor da metade dos impostos pela seção do terreno:

Então, eles deviam um milhão à prefeitura, mas só pagariam pra nós com ágil em quinhentos mil, mas olha como. Então, vieram aqui, eles tinham doze apartamentos, construíam e deviam à prefeitura. Dinheiro de imposto de água, de luz e de tudo, coisa lá na... lá no Bairro Lustre (bairro próximo, de classe média alta). então...eu cheguei lá e falei pra eles que num era meu, que eu era apenas a inventariante, vieram me oferecer...então eu falei com eles, olha, a Construtora Mega foi lá em casa, eles devem à prefeitura

A negociação de títulos os colocou-os em temporária vantagem patrimonial, pois possuíam uma moeda de barganha interessante e uma possibilidade de captação de recursos em curto prazo, impacto positivo na comunidade que é carente. No entanto, essa segregação material estrutura uma segregação familiar, pois a desconfiança com as transferências de grandes montantes de dinheiro, tiravam a paz dentro do próprio seio familiar:

Então, o que ficou, assim, como somos oito, família né, oito famílias, dava um apartamento pra cada um e sobrava quatro, pra pagar as custas do processo e as

custas de tudo. Então fui lá primeiro e falei: vocês aceitam? Cada família um apartamento e sobra quatro que eu fiz, é... e sobrava pra pagar os... as custas. Então, eu pus uma conta conjunta, fui aqui nesse meu primo aqui, falei assim, eu não vou por sozinha, porque depois eles fala que eu roubei dinheiro deles (...). Então, lá no advogado, ele fez e foi por sorteio que eu falei, eu não vou fazer isso e cada um da família vai lá. Todo mundo vai receber o dinheiro lá, por assinatura, pra vocês tudo assinar e me dar também. Então ele fez tudo aí. Num fiz nada na minha cabeça, tanto que quando ele me processou agora, falou que eu fiquei com o dinheiro e tudo.

4 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi discutir segregação e espacialidade urbanos, para isso foi desenvolvido esse trabalho qualitativo baseado em entrevistas com pessoas que são consideradas lideranças culturais, carismáticas e referências históricas vivas dentro de Quilombos da região metropolitana de Belo Horizonte. Após análise de conteúdo, chegamos às seis categorias a serem descritas.

Na primeira categoria, vimos que a história trata espaço enquanto sua origem e trajetória, por serem vinculados à negros que escaparam da condição de escravidão e isso já mostrava condições de segregação muito anteriores aos Quilombos e que permanecem até os dias atuais. A segunda categoria, relacionada à identidade, trata da própria condição de origem do Quilombo que são seus moradores fazerem autodeclaração como quilombola, que por sua vez significa dizerem-se como remanescentes de uma ancestralidade. Como essa categoria identidade está vinculada ao espaço, as pessoas se reconhecem como membros de uma mesma família, parentes consanguíneos e por afinidade, assim como as lutas são por uma causa definida por semelhantes em busca de objetivos alinhados. Entra aqui também a representatividade dessas comunidades que se dá pelas mulheres mais experientes, que acabam por representar de alguma forma a figura da mãe e revelando que os Quilombos estão atrelados às estruturas matriarcais em muitos aspectos, referindo-se à categoria identidade. Sob essa figura de mãe, sob essa mesma égide identitária, a categoria de aglutinação social diz que as pessoas acabam por se aglutinarem por perceberem semelhanças, inclusive por sofrerem as mesmas segregações, por dividirem o mesmo território e constituírem um lugar para as suas manifestações religiosas e culturais. Dentro da categoria de legitimidade e legalidade, para que essas pessoas consigam simplesmente se manifestar da forma que lhes convém, para que elas consigam continuar morando nos lares os quais habitam, eles precisam de reconhecimento como legítimos e legais, posto que o meio em que vivem é bastante hostil e precisam comprovar tudo mais que as outras pessoas, como se para os negros a presunção fosse de culpa fosse a lei e não a presunção de inocência. O racismo, próxima categoria, é um preconceito discriminador que leva à segregação, por motivos já citados que são bastante presentes, nem por isso justificáveis. As pressões opositoras às festas, manifestações religiosas, acesso à moradia e direitos básicos, pelo simples fato de prejudicarem negros, já apresenta fortes indícios de racismo. E, por fim estão inclusas na categoria de especulação imobiliária a segregação material, a segregação territorial, a segregação social, a segregação racial e muitas outras por ferirem direitos básicos do ser humano e, por consequência, sua dignidade.

É perceptível que a segregação está espalhada, porém presente, expressas em todos as categorias analisadas, desde a origem, a forma como se desenvolveu, a perspectivas como são compreendidos pelo mundo e por si mesmos, a forma como as mulheres tomaram frentes para

sobreviver, a necessidade de se manterem próximos, as lutas contra o sistema e as leis, o preconceito racial e o cerceamento de acesso ao lar e à terra. Podem ser encontradas formas múltiplas e variadas de segregação, em níveis diversos de intensidade, inclusive. Não apenas destacamos o completo descaso da sociedade para com essas pessoas, como testemunhamos in loco, ao vivo, uma pessoa afirmando com tranquilidade que aquilo não lhe competia, talvez os próximos devessem pensar nisso. Então esse estudante não apenas disse que outros virão, como deverão vir e que talvez eles devessem se comprometer com tal responsabilidade.

Então torna-se também um negócio rentável cometer essas invasões e posses, pois existe a possibilidade de troca e cessão de direitos em troca de dinheiro, ou seja, a construtora consegue um terreno em área nobre, constrói um edifício, vende os apartamentos e livra-se de uma pesada dívida tributária por um custo muito abaixo do que seriam por vias legais. A pressão do capital é forte (PERES, 2008), como pode ser percebida pelos documentos que comprovam as derrotas nas questões fundiárias e nas questões imobiliárias. As características de aglutinação são bem próximas da ideia de família, com a realidade negra, com a identidade quilombola e a sensação de pertencimento. Esses pontos são importantes para mantê-los unidos por algum tipo de laço, mesmo que sejam apenas laços funcionais e apoiados na lei.

Os quilombolas sentem-se invisíveis para a população em geral e forçadamente ignoradas pelas pessoas do entorno. Como são afrodescendentes em sua grande maioria, eles sofrem preconceito racial, ao passo que dificilmente ocupam posições de destaque, o que também significa uma segregação social posto que eles não contemplam as mesmas características materiais que as pessoas do bairro entorno possuem, no caso classe média alta. Assim como o desenvolvimento tecnológico e urbano acontecem de formas distintas, desde objetos simples como materiais de uso cotidiano, como saneamento básico, pavimentação, calçadas e etc.

Como esses laços não são muito fortes, as relações políticas e familiares têm de ser o bastante para o alicerce dessa proximidade e acabam bastante prejudicadas e debilitadas. Novamente, deixando à mercê de ameaças da expansão do capital, da urbanização e da globalização. As gerações mais antigas são expressivamente as menos afetadas por essas variáveis, tanto que essas lideranças acabam por serem mulheres e acabam por serem pessoas idosas, ao mesmo tempo. Fica o questionamento de o que poderá acontecer com o Quilombo Esperança com o advento do falecimento dessas matriarcas com idade já tão avançada?

O presente trabalho ressalta as suas limitações metodológicas de pesquisar intensa e profundamente apenas duas lideranças e em apenas um Quilombo. Entende-se também que diversas técnicas poderiam ser aplicadas a essas mesmas pessoas nesse mesmo contexto, assim como em pessoas que não sejam lideranças, pessoas que sejam lideranças em outros Quilombos ou simplesmente outros Quilombos. Outro fator restritivo, foi a abordagem interna, poderia ser possível a observação externa do público entorno, de públicos diversos e de uma maneira governamental, como o poder público encara a questão quilombola. Margem para novos levantamentos de dados semelhantes e dados contrapositivos, esse artigo deixa aberto.

A Administração está muito distante dos movimentos sociais, ela tem poder de atuação onde se concentram pessoas e em qualquer forma de organização, no entanto quase não se preocupa com as pessoas com menor poder aquisitivo, atividades que se concentram em capital social em geral, comunidades tradicionais e quilombolas, assim como organizações cujo objetivo não busque participação crescente ou forte no mercado. Esse trabalho é um dos poucos, em porcentagem, que busca aproximar esse tipo de organização da doutrina da

Administração, buscando promover conteúdo interdisciplinar de forma que o distanciamento não seja tão impeditivo para que temas e objetos como esses estejam sempre e cada vez mais presentes na área, mesmo que esse movimento seja contra intuitivo dentro da Academia.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995. 225 p.

BRASIL, P. DO P. DO. **DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 1 jun. 2017.

CHAMOND, J. Fenomenologia e psicopatologia do espaço vivido em Ludwig Binswanger: uma introdução. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 17, n. I, p. 3–7, 2011.

COLARES, A. F. V. **Sobre ocultos e indizíveis: Idosos (não vistos, mas que tudo veem) e sociabilidade – um estudo na Praça Sete de Belo Horizonte**. [s.l.] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, 2016.

COLARES, A. F. V.; SARAIVA, L. A. S. Representações Sociais Da Cultura Em Belo Horizonte. **Revista Gestão & Conexões**, v. 5, n. 1, p. 19, 2016.

FILGUEIRAS, Z.; COUTO, E. F. **Documentário “VOZES DA RESISTÊNCIA: os quilombos urbanos de Belo Horizonte”**, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3-CJDwhW7zU&feature=youtu.be>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

HEIDEGGER, M.; CAVALCANTE, M. DE S. (TRADUÇÃO). **Ser e tempo**. 7 ed ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 325 p.

LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, v. IV, n. 2, p. 333–354, 2000.

LEITE, M. B. Heidegger e o fundamento ontológico do espaço. **Diálogos - Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade**, n. 8, p. 178–195, 2013.

OLIVEIRA, C. Da Ruína e da Conservação do mundo: Mundo Como Espaço Discursivo E Como Discurso Espacial. **KRITERION**, v. 171, p. 153–161, jun. 2008.

PALMA-OLIVEIRA, J. M.; HERNÁNDEZ, B. Novas Perspectivas Da Identidade De Lugar. n. February, p. 123–132, 2011.

PERES, A. D. Movimento quilombola e capitalismo no Brasil. 2008.

SANTOS, G. A. O. A ESPACIALIDADE NA COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DO PÂNICO: UMA ANÁLISE EXISTENCIAL. **Revista da Abordagem Gestáltica – XVIII**, n. 2, p. 197–205, 2012.

SANTOS, P. C. M. DE A.; FERREIRA, R. A. Segregação, raça, cor e políticas de cotas nas universidades brasileiras: breves reflexões. **POIÉSIS – REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**, v. 3, p. 283–303, 2012.

SILVA, D. DE C. **O DRAMA SOCIAL DA ABOLIÇÃO: Escravidão, liberdade, trabalho e cidadania em São João del-Rei, Minas Gerais (1871-1897)**. [s.l.] UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, 2011.

TEODORO, R. DA S. O trato dos viventes de Luiz Felipe de Alencastro. v. 1, n. 2, p. 187–192, 2005.

VASCONCELLOS, E. A. **Transporte Urbano, Espaço e Equidade. Análise das políticas públicas**. São Paulo: Netpress, 1996.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 4 ed ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VILLAÇA, F. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos Avançados**, v. 25, n. 71, p. 37–58, 2011.

WROBLESKI, S. **As novas cercas dos quilombos**. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2016/05/as-novas-cercas-dos-quilombos/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.